

**CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA E CULTURAL DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA KALUNGA DE CAVALCANTE, GOIÁS, BRASIL: DADOS
PRELIMINARES**

Ana Cláudia Gomes Rodrigues Neiva¹, José Robson Bezerra Sereno², Sandra Aparecida Santos³, Maria Clorinda Soares Fioravanti⁴ (¹*Doutoranda em Ciência Animal, Universidade Federal de Goiás, Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia - UFT, BR-153, Km 112, Araguaína-TO, Cep: 77.84-97, E-mail: aclaudianeiva@gmail.com*, ²*Pesquisador da Embrapa Cerrados, E-mail: sereno@cpac.embrapa.br*, ³*Pesquisadora da Embrapa Pantanal, E-mail: sasantos@cpap.embrapa.br*; ⁴*Professora Associada da Universidade Federal de Goiás, E-mail: clorinda@vet.ufg.br*).

Termos para indexação: Agricultura familiar, Cerrado, Comunidades remanescentes de quilombos, Populações tradicionais.

Introdução

As comunidades denominadas quilombolas são grupos sociais cuja identidade étnica e cultural os distingue do restante da sociedade. Após a abolição da escravatura, tais grupos, distribuídos por todo país, passaram a buscar sua identidade e cidadania, tendo como referência a luta por seus direitos e a garantia do território. Com a inclusão do Artigo 68 no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, que prevê o reconhecimento da propriedade das terras dos remanescentes de quilombos, esses grupos foram reconhecidos oficialmente pelo Estado e passaram a buscar de maneira mais efetiva seus direitos (Velloso, 2007).

Segundo levantamento realizado por Anjos e Cypriano (2006) foram registrados 2842 territórios quilombolas no Brasil até o ano de 2006. No entanto, esse número pode ser bem maior, uma vez que existem ainda muitas comunidades quilombolas não mapeadas, que não se reconhecem como quilombolas ou mantêm-se isoladas. E apesar do que garante a Constituição, até hoje apenas 82 territórios quilombolas encontram-se titulados no Brasil.

A região Nordeste detém cerca de 61% dos territórios quilombolas do país, seguida pelas regiões Norte (15%), Sudeste (13%), Sul (6%) e Centro-Oeste (5%). Entre os estados com maior número de comunidades destaca-se o Maranhão (743), seguido dos estados da

Bahia (469), Pará (403), Minas Gerais (204) e Piauí (174). Os territórios quilombolas estão presentes em todos os estados do país, exceto em Roraima, Acre e Distrito Federal (Anjos e Cypriano, 2006).

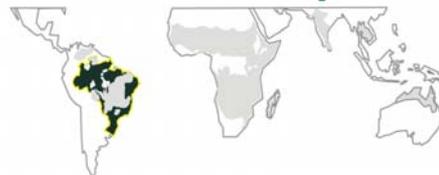
Dentre as comunidades da região Centro-Oeste, a Kalunga é a mais importante em termos numérico e histórico e está entre as maiores do país. Ocupa uma área de 253,2 mil hectares, com uma população estimada em mais de seis mil habitantes. Em 1991 foi reconhecida pelo Governo de Goiás como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (Anjos e Cypriano, 2006; Baiocchi, 2006).

Atualmente os Kalunga enfrentam problemas de falta de infra-estrutura como: ausência de estradas, assistência médica e escolas, convivem com a seca, lutam pela regularização de suas terras e, alguns se encontram abaixo da linha da pobreza e outros abaixo da linha de indigência (Tibúrcio e Valente, 2007). Tal situação tem provocado o êxodo rural, especialmente entre os mais novos, que buscam melhores condições de vida nos grandes centros. As jovens da comunidade saem, principalmente para Brasília e Goiânia, onde na maioria das vezes, trabalham como empregadas domésticas, e os rapazes exercem trabalho temporário em fazendas da região.

Este trabalho teve como objetivo caracterizar aspectos socioeconômicos e culturais da comunidade Kalunga de Cavalcante, Goiás, com vistas a subsidiar a elaboração e implementação de políticas públicas, bem como programas regionais de desenvolvimento, capazes de promover a sustentabilidade social e econômica da região.

Material e Métodos

A região habitada pelo povo Kalunga compreende aproximadamente as seguintes coordenadas geográficas: de 13°20' a 13°27' de latitude sul e de 47°10' a 47°20' de longitude oeste de Greenwich. Localizada na microrregião Chapada dos Veadeiros, nordeste do Estado de Goiás, distante 600 km de Goiânia e 330 km de Brasília, a região limita-se com os municípios de Arraias (TO), Monte Alegre de Goiás (GO), Teresina de Goiás (GO) e Cavalcante (GO). As principais vias de acesso são a rodovia GO-118 e os Rios Paranã e Almas (Baiocchi, 2006).



Às margens do rio Paranã, afluente do Tocantins, a comunidade dos Kalunga está situada numa área de Cerrado, segunda maior formação vegetal do país, superado apenas pela Floresta Amazônica (IBAMA, 2007). O clima da região é tropical de altitude, com duas estações definidas, uma chuvosa entre os meses de outubro a abril e outra seca de maio a setembro (SEBRAE, 1999). A área está dividida em cinco núcleos: Vão do Moleque, Ribeirão dos Bois, Vão das Almas, Contenda e Kalunga, cada um subdividido em várias localidades.

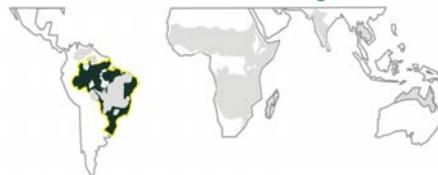
Os dados utilizados nesta pesquisa foram obtidos de fonte primária, mediante a utilização de entrevistas diretas com moradores da Comunidade Kalunga, no mês de agosto de 2007 e entrevistas com os dirigentes da Associação Kalunga de Cavalcante. Foram analisadas 10 famílias em relação à caracterização socioeconômica, cultural e identificação dos sistemas produtivos da comunidade. Os dados oriundos de questionários semi-estruturados utilizados nas entrevistas foram analisados por meio de análise tabular e descritiva de acordo com a metodologia relatada por Gil (2002).

Resultados e Discussão

A Comunidade Kalunga não possui energia elétrica, nem serviços de saneamento. Os dejetos humanos e o lixo são jogados a céu aberto por 80% e 100%, respectivamente, das famílias entrevistadas. De maneira geral, as casas das famílias são feitas com materiais simples encontrados na região, como adobe e palha (40% das casas). As demais são feitas de tijolos, sendo 30% de tijolo sem reboco e 30% de tijolo com reboco (Tabela 1).

Tabela 1. Características dos domicílios da comunidade Kalunga de Cavalcante, GO, 2007

Discriminação	Número	%
Condições de moradia		
Tipo de construção do domicílio	10	100,0
- Palha (paredes e cobertura)	2	20,0
- Adobe, coberta com palha	2	20,0
- Tijolo sem reboco, coberta com telhas	3	30,0
- Tijolo com reboco, coberta com telhas	3	30,0
Tipo de piso do domicílio	10	100,0
- Barro (chão batido)	7	70,0
- Cimento	3	30,0
Tipo de iluminação do domicílio	10	100,00
- Lamparina (querosene)	10	100,0



Saneamento

<i>Destino dado aos dejetos humanos</i>	10	100,0
- Jogados a céu aberto	8	80,0
- Fossa séptica	2	20,0
<i>Destino dado ao lixo</i>	10	100,00
- Jogado a céu aberto	10	100,0
<i>Tratamento da água para consumo</i>	10	100,0
- Não tratada	5	50,0
- Filtro de cerâmica	5	50,0

Fonte: dados da pesquisa

Atualmente existe um programa do Governo Federal por meio da Fundação Nacional de Saúde, Ministério das Cidades, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Fundação Palmares, Caixa Econômica Federal e Fundação Universitária de Brasília, para construção de casas e banheiros, no entanto poucas famílias foram beneficiadas até o momento. Dentre as famílias entrevistadas, duas (20%) foram beneficiados pelo programa e possuem casa de tijolo com reboco e coberta com telhas.

A água utilizada pelas famílias é proveniente dos rios da região, 50% dos entrevistados não fazem nenhum tratamento antes do consumo e 50% usam o filtro de cerâmica (Tabela 1). Os moradores de algumas localidades mais distantes dos rios descrevem a falta de água como um sério problema da comunidade, especialmente na época mais seca do ano, quando se tem que andar grandes distâncias para a obtenção da água.

Outro problema apontado pelos entrevistados foi a dificuldade de mobilidade. São poucas as estradas de acesso à comunidade e o principal meio de transporte utilizado pelos moradores são os muares (burros e mulas), o que dificulta o deslocamento das pessoas, o transporte de mantimentos e outros produtos vindos da cidade.

A comunidade não dispõe de postos de saúde, o atendimento é feito por agentes de saúde e, em situações mais graves as pessoas se deslocam até o município de Cavalcante que fica a aproximadamente 120km da Reserva Kalunga. Nestes casos, os doentes são carregados em “leiteiras” (redes de dormir) por parentes até o local de transporte. A falta de assistência à saúde foi citada como o principal problema enfrentado pela comunidade por 50% dos entrevistados.

Em relação à educação, a comunidade possui escolas com ensino fundamental 1 (1^o ao 5^o ano), sendo que algumas funcionam nas casas dos moradores. Dos produtores entrevistados 80% possuem ensino fundamental 1 incompleto, 10% assinam o nome e 10% são analfabetos.

O baixo nível de escolaridade dos entrevistados mostra uma situação que é comum no meio rural brasileiro. A ausência de escolas nas comunidades há alguns anos, afetou principalmente os mais velhos, onde se encontra maior parte dos analfabetos. Atualmente a maior dificuldade encontrada pelos jovens das comunidades visitadas é a falta de escolas de ensino fundamental 2 (6^o ao 9^o ano), e que para continuar os estudos têm que se mudar para a sede dos municípios ou para grandes centros, principalmente Brasília e Goiânia. Segundo Anjos (2006), as dificuldades educacionais nas comunidades quilombolas, de maneira geral, se devem não somente ao número de escolas, mas também ao conteúdo ministrado, que não considera as especificidades culturais da população. Desta forma é fundamental que sejam realizados investimentos no setor, visando à capacitação dos educadores das comunidades e a maior oferta de escolas na área da Reserva Cultural Kalunga.

Os sistemas de produção da comunidade têm como base a agricultura de subsistência e as principais culturas (Figura 3) são: milho, produzido por 90% das famílias, seguido do feijão (80%), mandioca (70%), arroz (50%), abóbora (50%) e cana (40%). Cerca de 60% dos entrevistados utilizam a mandioca para fabricação de farinha, que é vendida na cidade, trocada por outros produtos e utilizada para consumo próprio, sendo um dos produtos mais importantes em termos econômicos para a comunidade.

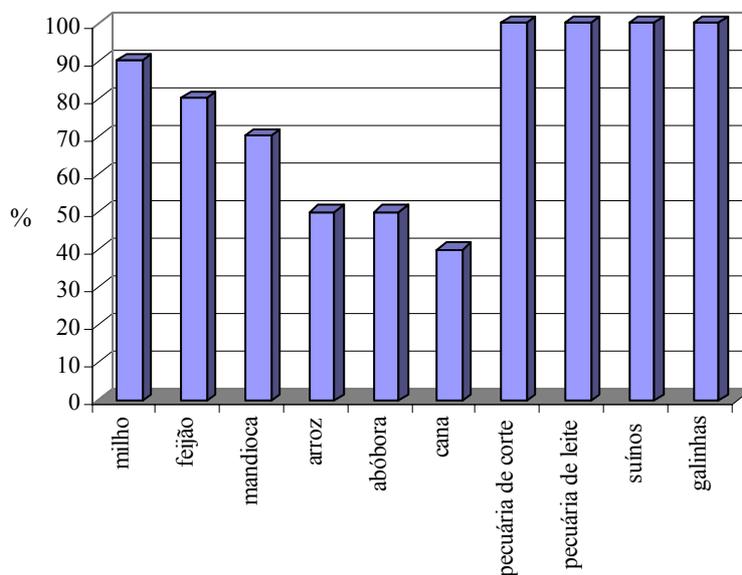
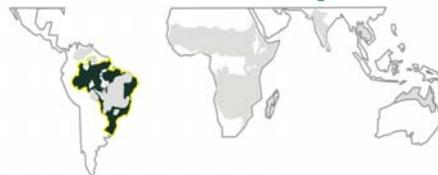


Figura 1. Principais produtos agropecuários produzidos pelas famílias da comunidade Kalunga de Cavalcante, GO, 2007

Em relação à pecuária, a venda de bezerros representa significativa fonte de renda, sendo efetuada por 100% das famílias. A bovinocultura de leite, a criação de galinhas e porcos apenas para consumo próprio ou troca na comunidade é uma prática utilizada por todas as famílias (Figura 3).

Um importante elemento na composição da renda familiar dos Kalunga são os benefícios do governo recebidos pelos moradores, como aposentadorias e os programas Renda Cidadã do governo estadual, Bolsa-Família, Cesta Básica e Salário-Maternidade do governo federal.

As principais festas dos Kalunga são as romarias e as folias, realizadas em todas as localidades em diferentes épocas do ano. Dentre as quais se destacam a Festa de Santo Antônio, São João, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora D'Abadia, Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião, Folia de Reis, Folia do Divino Espírito Santo e São Gonçalo.

Em relação aos aspectos culturais, todos os entrevistados consideram importante à preservação dos costumes, tradições, ou seja, da identidade da comunidade. A Sussa, tradicional dança Kalunga, de origem africana é praticada pelos moradores, que a consideram

importante elemento da cultura local. No entanto, 70% avaliam que não existe o mesmo interesse por parte dos mais jovens, que muitas vezes preferem os costumes e festas da cidade.

Conclusões

O conhecimento dos aspectos sociais, culturais e econômicos é essencial na manutenção da identidade da comunidade Kalunga e permite a elaboração e implementação de estratégias de desenvolvimento capazes de promover a sustentabilidade social e econômica da região. Os principais problemas sociais identificados são a ausência de assistência médica, falta de escolas e vias de acesso. É imprescindível que os trabalhos desenvolvidos nesta comunidade levem em consideração estes problemas e as atividades econômicas a serem implantadas nos programas de desenvolvimento valorizem a identidade e o saber local, bem como garantam sua participação na busca por melhores condições de vida.

Referências Bibliográficas

- ANJOS, R. S. A.; CYPRIANO A. **Quilombolas**: tradições e cultura da resistência. São Paulo: Aori Comunicação, 2006. 240p.
- BAIOCCHI, M. de N. **Kalunga**: povo da terra. Goiânia: UFG, 2006. 132p.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. 171p.
- IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Ecosistemas brasileiros**: cerrado, 2007. Disponível em: <http://ibama.gov.br> . Acesso em: 10 mar. 2008.
- SEBRAE. Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Goiás. **Proder especial**: programa de emprego e renda – levantamento das potencialidades locais: município de Cavalcante. Goiânia: SEBRAE, 1999. 55p.
- TIBÚRCIO, B. A.; VALENTE, A. L. E. F. O comércio justo e solidário é alternativa para segmentos populacionais empobrecidos? Estudo de caso em Território Kalunga (GO). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v.45, p.497-519, 2007.



Desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade,
agronegócio e recursos naturais

12 a 17 de outubro de 2008
ParlaMundi, Brasília, DF

II SIMPÓSIO Internacional
Savanas Tropicais



VELLOSO, A. D. **Mapeando narrativas: uma análise do processo histórico-espacial da comunidade do Engenho II – Kalunga**. 2007. 162p. Dissertação (Mestrado em Gestão Ambiental e Territorial) – Departamento de Geografia/Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília.